



MONSTROS À NOSSA IMAGEM E, PERIGOSAMENTE, À NOSSA SEMELHANÇA: resenha do livro *Da fabricação de monstros*

Arnaldo Pinheiro Mont'Alvão Júnior¹
& Daniel Rossi²

Publicado em dois mil e nove pela Editora UFMG, o livro *Da fabricação de monstros* é uma coletânea de ensaios acadêmicos organizada por Julio Jeha e Lyslei Nascimento, ambos professores da UFMG. O livro congrega ensaios de pesquisadores, em sua maioria da UFMG, sendo que muitos são membros do “Núcleo de Estudos sobre Crimes, Pecados e Monstruosidades”. Refletindo sobre o nome do núcleo, percebemos a articulação direta de suas pesquisas com a produção do livro: perceber como se dá a fabricação de monstros parece ser uma das preocupações dos membros deste núcleo. Conforme afirmam os organizadores, “mais do que descrever ou associar essas questões ao conceito aqui discutido, ou seja, dos monstros e de suas monstruosidades, tentam os ensaístas avaliar como a arte, literária ou visual, faz surgir o mal absoluto”³.

A primeira pergunta pertinente é: “Monstros? Que monstros?”. Difícil definição do que seriam estes seres ou estados. Na verdade, o livro apenas fará multiplicar essa difícil definição: monstros com características exageradas, híbridos humanos-animais, o monstro do saber científico... Muitas são as possibilidades e sentidos atribuídos ao vocábulo, mas se pelo título é a fabricação destes monstros que importa, qual o caráter desta coletânea? Os organizadores deixam claro na apresentação do volume: “os ensaios presentes neste livro pretendem, a partir da análise de uma galeria de monstros e

¹ Mestre em Estudos de Linguagens pela UFMS.

² Mestrando em Estudos de Linguagens pela UFMS.

³ JEHA; NASCIMENTO (orgs.). *Da fabricação de monstros*, p. 7.

monstruosidades, refletir sobre intolerância, transgressão, desmedida, totalitarismo e violência”⁴.

Portanto, estamos além e aquém da discussão conceitual do que seja um monstro. Instalamo-nos diretamente no plano analítico das possibilidades de discussão que estes seres diversos podem nos propor, além de ajudar-nos a compreender o mundo humano. Coletânea de fôlego, os organizadores deste livro constroem um conjunto diversificado e profícuo de artigos que abrangem diversas temáticas contemporâneas: vamos desde a curiosidade de Victor Frankenstein até o cinema nazista, passando por Machado de Assis, *A guerra dos mundos* de Wells e a relação entre Lautréámont e René Magritte.

Devido à linearidade do livro, é possível afirmar que ele é dividido em quatro partes, as quais investigam literatura, arte e, por fim, o cinema. A primeira parte é responsável por tecer considerações críticas sobre o caráter humano, provedor da monstruosidade representada pelas manifestações artísticas concebidas por meio da utilização de mitos cosmogônicos.

Na segunda parte, a configuração *monstruosa* das cidades, com sua confusão de línguas diferentes, desvalorização do ser humano, seu tamanho exagerado, parece endossar o monstro na própria produção do espaço humano:

O ato de embaraçar a trajetória da multidão já havia sido representado na letra de “Construção”, em que o pedreiro cai do prédio e morre “na contramão, atrapalhando o trânsito”. A principal diferença entre as duas situações talvez resida no fato de que a personagem do livro não tem a simpatia do público: ele parece ser um estorvo no caminho da própria narrativa que o leitor acompanha⁵.

Nessa perspectiva, a construção da cidade é realizada a partir da desvalorização e do massacre da singularidade do homem, onde todos são apenas números no meio da massa. Sobre o próximo e o si-mesmo é sempre lançado um olhar enviesado, desconfiado e ameaçador.

Na terceira parte, a monstruosidade é estudada na intersecção entre a arte e a literatura, a partir das gravuras que ilustram obras literárias. Talvez ilustração não seja a melhor definição para essas imagens, como os ensaios mesmos discutem: a imagem é responsável por conceder novos sentidos às narrativas e não mais ser representação de passagens do texto. Como no caso das personagens do romance *Grande sertão: veredas*, feitas pelo artista plástico Arlindo Daibert:

⁴ JEHA; NASCIMENTO (orgs.). *Da fabricação de monstros*, p. 7.

⁵ PARAIZO. Cidades monstruosas e sedutoras na obra de Chico Buarque. In: *Da fabricação de monstros*, p. 87.

As imagens de Daibert não apenas abrem um novo caminho interpretativo, que ressignifica a relação entre Riobaldo e Diadorim, mas também sugerem a possibilidade (embora mais distante de uma comprovação literal no texto) de que Diadorim possa ser o verdadeiro diabo de *Grande sertão: veredas*⁶.

Por fim, a temática que embasa o fechamento do livro é pautada no caráter monstruoso da guerra – talvez a aproximação mais íntima entre o humano e o monstro: “frequentemente, se diz, na literatura de guerra, que os homens não mais fazem a guerra; ela é feita contra eles”⁷. A distorção da face do homem que não mais se reconhece como guerreiro com um objetivo, mas a guerra sem sentido, que acaba por se tornar um *monstro*: separado e diverso do próprio homem. A guerra, esse monstro, acaba destruindo também a própria memória de seus participantes: como no caso dos trabalhos de Alvim Corrêa, que são analisados neste livro por Alcebíades Diniz Miguel. Ao discutir as ilustrações do artista brasileiro para o livro *The war of the worlds* de H. G. Wells – uma guerra entre humanos e alienígenas –, Miguel afirma que

a destruição quase completa de sua obra, com lances terríveis, como o furto e a destruição da série de temática militar, quando da invasão alemã de Bruxelas em 1914 e o torpedeamento, em 1942, de um cargueiro que transportava suas obras gráficas – originais e matrizes⁸.

É interessante notar que os ensaios críticos do livro levam-nos a refletir sobre as facetas dos monstros e monstruosidades do pensamento e da condição humana, retratadas diariamente pelos meios de comunicação: crianças arrastadas por carros, sendo lançadas de janelas, as guerras que assolam o mundo e tantas outras atrocidades. Dessa forma, o livro fecha brilhantemente com o ensaio “O vírus como metáfora no cinema nazista”, de Luiz Nazario. Nesse texto, vem à tona o ideal nazista, segundo o qual os judeus seriam uma doença, um vírus que se alastraria pelo mundo, sendo necessário, portanto, exterminá-lo. O cinema, poderosa arma da propaganda nazista, endossa essa perspectiva e propaga a ideologia nazista da Alemanha de Hitler.

Como dito tão bem pelos organizadores do livro no título de sua introdução ao volume, as várias cicatrizes na história humana revelam “Monstros à nossa imagem e, perigosamente, à nossa semelhança”⁹.

⁶ MENDES. A mancha do labirinto: a representação do mal e do ódio em *Imagens do Grande sertão*, de Arlindo Daibert. In: *Da fabricação de monstros*, p. 145.

⁷ EKSTEINS *apud* VIEIRA. Ares torna-se um monstro: representações da guerra de 1914-1918. In: *Da fabricação de monstros*, p. 162-163.

⁸ MIGUEL. Pesadelos, alienígenas e máquinas de destruição: o imaginário de *The war of the worlds* de H. G. Wells. In: *Da fabricação de monstros*, p. 160.

⁹ JEHA; NASCIMENTO (orgs.). *Da fabricação de monstros*, p. 7.

Referência bibliográfica

JEHA, Julio; NASCIMENTO, Lyslei (orgs.). *Da fabricação de monstros*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

